

**I FÓRUM RPCA - RESPONSABILIDADE PRODUTIVA
NA CADEIA ALIMENTÍCIA 2009.**

Dr. Edmundo Klotz.

São Paulo, 30 de junho de 2009.

Senhoras e senhores, bem-vindos ao Primeiro Fórum RPCA — Responsabilidade Produtiva na Cadeia Alimentícia.

Agradecemos a presença de todos vocês, aos palestrantes e participantes dos painéis previstos em nossa programação.

Agradecemos, ainda, à Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), a cessão do Teatro Popular do SESI para a realização deste evento.

A Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (ABIA) preocupa-se de longa data com a responsabilidade produtiva. A entidade é fundadora da International Alliance of Food Products Association. Também participa de modo ativo da Grocery Manufacturers Association.

Estamos muito focados num debate crucial para a humanidade: a segurança alimentar, a responsabilidade produtiva e o consumo consciente.

A dimensão do desafio não deve nos intimidar. Ao contrário, deve ser um estímulo à busca de soluções.

Vejam os: até 2012, o número de habitantes da Terra aumentará de seis para sete bilhões. Será quase uma Índia a mais.

Até 2050, serão nove bilhões de pessoas em todo o mundo. Trata-se de crescimento, em relação a 2008, equivalente ao dobro do número de habitantes da China.

Estas projeções constam do recente relatório intitulado “Revisão das Perspectivas para a População Mundial de 2008”, do Departamento da ONU para Assuntos Econômicos e Sociais.

Em síntese, será preciso encontrar soluções para alimentar, vestir, garantir habitação, saúde e educação para as novas gerações. Dentre esses itens, a alimentação vem em primeiro lugar, já que é o pressuposto essencial para a manutenção da vida.

E tudo isso precisa ser feito sem danos ambientais, cessando a emissão de gases do efeito estufa e manejando de modo adequado a exploração dos recursos naturais.

Para fazer a sua parte nesse cenário, garantindo o abastecimento interno e excedentes exportáveis, o Brasil precisa aumentar em 25 por cento a sua produção de alimentos na próximas duas décadas e em 50 por cento, até a metade deste século.

A indústria alimentícia tem imensa responsabilidade nesse processo. Por isso, juntamente com toda a sociedade, precisamos conceber alternativas viáveis para viabilizar a expansão da oferta de alimentos.

É com esse intuito que realizamos o Primeiro Fórum RPCA. Aqui, aprofundaremos as discussões do World Economic Fórum on Latin América, realizado em abril último, no Rio de Janeiro.

A convite da organização do World Economic Fórum de Davos, a ABIA teve destacada participação nesse evento na capital fluminense, cujo tema, em síntese, foi a “sustentabilidade do consumo”.

Continuamos, agora, a busca de alternativas. Temos de fazer as melhores escolhas para garantir o futuro.

Para aumentar a produção de alimentos, é preciso expandir as áreas agricultáveis e os parques industriais.

Também são necessários ganhos crescentes de produtividade, viabilizados pela tecnologia.

Felizmente, estamos bastante avançados no plano da biotecnologia. Aplicada com critérios científicos validados, ela propicia maiores safras e melhores produtos. Tudo isso de modo compatível com a preservação ambiental.

Explico: a biotecnologia nos permite reduzir de modo expressivo o uso de inseticidas e defensivos agrícolas. Isto preserva a qualidade dos alimentos e evita a paulatina contaminação do solo e dos lençóis freáticos.

Ademais, a biotecnologia diminui a necessidade de aragem dos terrenos cultivados, reduzindo o risco de erosão. E, como sabemos, a erosão vai eliminando os nutrientes naturais da terra.

Se a equação tecnológica está equacionada, o mesmo não podemos dizer de algumas barreiras. A principal delas é a ausência de definição clara sobre as áreas de preservação ambiental.

É preciso mais objetividade no trato dessa questão. Precisamos evoluir do discurso à prática, definindo o que, onde e como plantar, de modo sustentável e seguro para o meio ambiente.

A boa notícia é que o Brasil, segundo a FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), é o país com a maior disponibilidade de terras agricultáveis sustentáveis. Ou seja, não temos um problema real de áreas para cultivar. É preciso contar isso para quem ainda parece não querer enxergar!

Senhoras e senhores.

A indústria brasileira da alimentação tem plena consciência de seu papel em todo esse processo.

Nosso país, como grande produtor de alimentos, é um fornecedor mundial decisivo e estratégico. Portanto, sua responsabilidade como nação também é imensa, a começar pelo abastecimento interno.

Em 2008, exportamos 33,3 bilhões de dólares em alimentos processados. Em 2009, a despeito da crise mundial, as vendas externas deverão ficar em torno de 30 bilhões de dólares. Isto significa 23 por cento do total de toda a indústria brasileira.

Esses números e seu significado para nossa balança comercial, a criação de empregos e a geração de renda já justificariam, de modo intrínseco, a importância deste Fórum.

Contudo, o objetivo maior é viabilizar o futuro. E isto significa legar às próximas gerações um país capaz de lhes oferecer justiça social, vida de qualidade, saúde e educação. E estes direitos básicos da cidadania, meus amigos, estão condicionados à premissa da segurança alimentar.

Tenho certeza de que o elevado nível dos participantes deste evento não deixará dúvidas quanto à nossa capacidade de vencer o instigante desafio da sustentabilidade!

Muito obrigado.